

FILOSOFIA APLICADA À EDUCAÇÃO: SABERES PARA A VIDA

Zênia Regina dos Santos Barbosa; Kaiza Maria Alencar de Olivera; Sheyla Maria Fontenele Macedo; Maria Eridan da Silva Santos Silva

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – zeninha30@hotmail.com; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – kaizaalencar@yahoo.com.br; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – sheyla_macedo@hotmail.com; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – eridan.santos@outlook.com

RESUMO: O respectivo trabalho de caráter qualitativo, assente na pesquisa bibliográfica, busca realizar reflexões necessárias sobre a relevância da Filosofia aplicada à educação, especialmente neste momento em que o pensamento filosófico e seu ensino se encontram em vias de extinção na matriz curricular do Ensino Médio, em detrimento da possibilidade de concretização de uma reforma educacional. Logo, esta é uma discussão necessária, em que buscamos na primeira parte de nosso trabalho dialogar sobre a Filosofia enquanto matriz conscientizadora e na segunda seção, sua aproximação com o método científico e reflexões desta ligação na formação do indivíduo/ pessoa na relação com o mundo e a sociedade que existe.

Palavras-chave: Filosofia da Educação. Ciência. Formação Humana.

INTRODUÇÃO

Desde o início da história da humanidade, ao homem está legada a arte de questionar-se. O estranhamento causou-lhe, em um dado momento, a primeira marcha na engrenada intelectual que fez desbravar a arte de pensar e, nesse âmbito, descobrir-se. De acordo com Cotrim (2010) nos últimos cem anos, os textos filosóficos se encarregaram de empalidecer esta arte, haja vista sua complexidade e tecnicismo que o afastaram da praticidade da vida comum.

Iniciamos nossas reflexões a partir de Jostein Gaarder (1995) que na obra *O mundo de Sofia* ao estabelecer um franco diálogo entre um remetente anônimo e uma jovem garota que gradativamente faz um curso de Filosofia por correspondências, apresenta a forma mais prática de compreendê-la na vida comum, e num segundo momento, realiza a tentativa de sistematizá-la enquanto ciência. Para isso, estabelece em um plano de equivalência as relações que as pessoas comuns, em seus dia-a-dia, desenvolvem com as atividades mais banais possíveis, à que ele chama de “hobbies”, mostrando como o ser humano é diferente e atina por diferentes preferências. E neste sentido, passa a apresentar a jovem correspondente um descortinamento pragmático e ao mesmo tempo, empírico, de como é possível relacionar o que é dado por importante na vida ao campo do

saber científico. Assim, após uma longa argumentação por analogia, o remetente finalmente afunila o pensamento comum à ciência, seduzindo o pensar da jovem Sofia: a arte de questionar-se. Desta forma, a arte se manifesta e Sofia revela o seu viés tático filosófico “ ‘Eu estou no mundo agora’, pensou. ‘Mas um dia terei partido. Existiria vida após a morte?’ ”. (GAARDER, 1995, p. 17). Inquietudes, interrogações, dúvidas que se materializam enquanto revelação de si, e que se concretizam na atitude de nos esgueiramos em busca do conhecimento. Não seria esta a razão de ser da vida? Perguntaria Sofia, integrando o conhecimento à vida.

Partindo destas reflexões, e se considerarmos então esse questionar-se como elemento basilar da Filosofia, seremos então todos ‘fazedores de ciência’. E esta aproximação entre ciência e o indivíduo, a pessoa, tem gerado ao longo dos anos e dos debates filosóficos uma gama de conflitos sociais e políticos, pois “[...] a formação científica de um grande número de pessoas, conscientes da sua importância dentro do processo econômico, ameaça a dominação das classes superiores [...]” (BERNAL, 1965, p.1195).

Do exposto, o respectivo trabalho traz a proposta de realizar um breve peregrinar sobre a Filosofia e sua relação proximal com a educação. Para cumprirmos com esta proposta, estivemos a percorrer o caminho da revisão bibliográfica em que nos deparamos com o pensamento filosófico de ancoramos nosso pensamento em Kuhn (2013), Charlot (2013), Severino (2011), Japiassur (2011) e Gaarder (1995).

Esta é, portanto, a finalidade deste trabalho, refletir a Filosofia enquanto ciência que humaniza e se humaniza através da ação educativa conscientizadora, revelando a necessidade de que o campo educacional encampe a postura filosófica criadora na relação com o maior objetivo da vida: o saber.

FILOSOFIA COMO CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO CONSCIENTIZADORA

Nesse caminho, a educação, no Brasil assegurada pela Lei de Diretrizes e Bases - LDB 9394/96 ainda vigente, têm se preocupado com a formação crítica do indivíduo social, pois esta atividade depende veementemente da presença do ensino das ciências sociais, nas quais está associada a Filosofia. Através desta formação, portanto filosófica, a educação estabelece como meta a este indivíduo uma formação para a vida, alicerçada no conhecimento científico aplicado ao dia a dia. Segundo Severino (2011):



Se a educação institucionalizada é mediação fundamental para a formação das pessoas, há que se concluir pela imprescindibilidade da Filosofia nesse processo formativo [...] O desafio enfrentado por esta modalidade de ensino não é apenas de ordem política. O ensino da Filosofia, nos diversos níveis e modalidades dos cursos, enfrenta dificuldades no âmbito do próprio processo, em sala de aula (SEVERINO, 2011, p.81).

Por isso, vale-se o transcrito ao que se refere não somente à ameaça política que Bernal (1969) anunciou, e que se materializa no Brasil de hoje por meio da possibilidade de uma reforma do Ensino Médio que extirparia da matriz curricular o ensino de Filosofia, mas aproxima-se bem mais às reflexões de formação educacional dos nossos educadores. Uma vez que no processo de ensino/aprendizagem a carga valorativa do educador refletirá diretamente na formação do aluno, sendo, por isso em primazia, imprescindível que este trabalhe em uma perspectiva de reflexão e crítica para que o aluno possa dialogar diretamente com estes saberes, não somente em um gabarito científico, mas possa, sobretudo, transpô-lo para a vida e a formação.

Esta é certamente uma comunhão que a pedagogia estabelece com a Filosofia enquanto ciência da consciência, a fim de minimizar os conflitos que o homem (re) descobre ao longo de sua existência, percebendo-se enquanto sujeito histórico de sua própria realidade, um contribuinte fundamental para o conhecimento.

Nesse sentido, faz-se pertinente revelar a partir de Charlot (2013) a necessidade de educar e aprender pelo prazer. Prazer não alheio à disciplina, mas no sentido de veicular os métodos de ensino a fim de seduzir o educando pelo conhecimento, pois:

Só aprende quem encontra alguma forma de prazer no fato de aprender. Quando digo “prazer” não estou opondo prazer a esforço. Não se pode aprender sem esforço; não se pode educar uma criança sem fazer-lhe exigências. Não há contradição entre prazer e esforço. Quem faz esporte sabe que pode, por meio dele, obter prazer. Dizem que se pode obter prazer das atividades esportivas e sabemos que elas, em geral, requerem muito esforço (CHARLOT, 2013, p.159).

A Filosofia nesse sentido torna-se um convite à reflexão da educação, podendo por meio dela, lançar questionamentos e bases voltadas para a introspecção dos saberes compartilhados nas escolas, promovendo o prazer pelo gosto em aprender. Segundo Charlot (2013) este pensar prazeroso no ato de ensino/aprendizagem não deve ser externo, ou seja, através do que convencionalmente chama-se de motivação, mas interno, através de do convite à mobilização da

consciência reflexiva. E este é, sem dúvida, um desafio circular para os educadores, que deverão despertar em si a atitude reflexiva, para saber despertar em seus alunos o desejo e/ou prazer pela ciência.

Se observarmos, por exemplo, uma aula de Língua Inglesa (língua alvo) ministrada por um professor de língua materna preso ao método tradicional dos livros, e que, essa mesma aula, referindo-nos especificamente ao conteúdo, fosse ministrada por outro professor que adequasse seu plano de aula à realidade dos seus alunos, buscando seduzi-los para o conhecimento, e que adotasse como caminho metodológico a promoção de questionamentos, e que a partir de uma orientação de base filosófica, provocasse o desenvolvimento do espírito investigativo, constataríamos que o método científico se desembocaria de forma natural e resultasse em atitude prazerosa. Aproximar o conteúdo científico da vida é uma tarefa necessária ao professor, pois dificilmente um aluno irá optar por estudar um conteúdo aplicado a uma realidade que não lhe pertença. Elementar que nenhum método aniquila o outro, ao contrário. Mas constatamos que a sedução se instaura na abordagem a partir de métodos que promovam a reflexão, que ao vir à tona revelará a camuflagem das culturas, dos saberes e dos objetivos, por isso:

Em todo o mundo, a educação, sob as suas diversas formas, tem por missão criar, entre as pessoas, vínculos sociais que tenham a sua origem em referências comuns. Os meios utilizados abrangem as culturas e as circunstâncias mais diversas; em todos os casos, a educação tem como objetivo essencial o desenvolvimento do ser humano na sua dimensão social (DELORS, 2001, p.51).

Pedagogicamente falando, a educação é por natureza um experimento social, lugar onde o indivíduo se descobre e desenvolve relações com os outros, adquirindo bases no campo do conhecimento e da prática social a fim de torná-lo melhor. Este conhecimento, uma vez lançado, deverá ser refratado pelo indivíduo, porque este é o percurso perene do saber que lhe vale de âncora nas relações sociais. E tomando mesmo a educação como sentido social, refletimos o seu lugar de origem, onde ela começa, onde termina, e para onde o saber, o conhecimento nos levam? Afinal será que é preciso achar respostas para todas as perguntas e todos os conteúdos que aprendemos na escola? Reportamo-nos mais uma vez à Sofia, que: “[...] tinha ciência de que a Terra era apenas um pequeno planeta no universo. Mas de onde vinha o próprio universo? Podia-se, é claro, pensar que o universo era algo que sempre existira, portanto não seria necessário achar uma resposta para aquela questão” (GAARDER, 1995, p.19).

Desta forma, se consideramos este indivíduo/pessoa como herdeiro direto das práticas sociais que adotamos nas diferentes sociedades, sua individualidade, sua singularidade entrará em consonância com o grupo ao qual pertence, com a comunidade a qual pertence e logo, à sociedade. Entretanto, esta herança só se fará, a partir da instância em que ele, ser humano, desenvolva a reflexão como hábito, de tal forma que se posicione entre o “universal e o singular”, o “global e local” (DELORS, 2001) entre outras, sendo a partir desses questionamentos bifurcados em escaninhos filosóficos que o indivíduo se forma. O que melhor esclarece Charlot (2013, p.177) ao dizer que “[...] o princípio básico é o seguinte: o homem não é dado, é construído.”

FILOSOFIA E MÉTODO CIENTÍFICO APLICADO À FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO/PESSOA

Vimos até aqui os caminhos pelos quais a educação deve aportar-se para o ensino de Filosofia na formação humana. Entretanto, há que se considerar para além dos meandros pedagógicos, o lado cientificista da Filosofia, que integra a experiência (o empírico) à ciência.

De acordo com Popper (2007) por vezes as bases de empirismo são criticadas por deixar em aberto à possibilidade da falseabilidade de seus métodos, razão pela qual, inclusive, pesquisas de natureza qualitativa são por vezes questionadas dados seus alicerces de cunho experimental. O empirismo ao considerar o refutável como possibilidade, vai diretamente de encontro com as bases dos métodos científicos tradicionais, razão pela qual o lado cientificista da Filosofia é censurado. Em outras palavras, a aplicabilidade da ciência na vida cotidiana é inegável. Mas nem sempre há uma igualdade no tratamento quando se trata de realizar a aproximação entre a realidade, a vida, a ciência, e a Filosofia. Conforme exposto na introdução deste trabalho em referência ao romance de Gaarder (1995), Sofia aproxima sua experiência social (empírica) aos conhecimentos científicos. Entendemos que esta é uma forma de ensinar aplicável e que seria possível adentrar os muros da escola. E sob esta ótica, haveremos de considerar que a Filosofia aplicada aproxima o indivíduo/pessoa ao conhecimento, e que suas hipóteses nem sempre são de natureza inconsistente, destrutiva e/ou contraditória ao método científico aplicado. Ademais, Popper (2007) em *A lógica da pesquisa científica* diz que:

Os problemas da base empírica - ou seja, os problemas concernentes ao caráter empírico dos enunciados singulares e à maneira de submetê-los à prova - desempenham, assim, dentro da lógica da ciência, um papel que difere, até certo ponto, do que é desempenhado pela maioria dos outros problemas que nos

preocupação. Pois a maioria desses últimos mantém relação estreita com a prática da pesquisa, enquanto a questão da base empírica, pertence de maneira quase exclusiva, à teoria do conhecimento (POPPER, 2007, p. 45).

Ou seja, embora a base empírica, aquela que atua diretamente na vida do indivíduo, seja reflexo e tenha consistência de um método científico, nem sempre dialogam de igual para igual, uma vez que no empirismo, a falseabilidade é permitida, pois seu conhecimento deriva da vida comum e das ideias compartilhadas em comunidade; já o método científico clássico, não deixa espaço para ambiguidades, legitimando-se da existência quase que dogmática de suas verdades. A ciência tradicional preocupa-se com esta abertura na relação empirismo – Filosofia – ciência, no sentido de que esse conhecimento venha a ser reiterado ou desconstruído, o que poderia fazer com que deixasse ser científico. Neste sentido há toda uma questão de empoderamento por detrás deste temor, por isso segundo Popper (2007) as teorias não abrem tão facilmente espaços para que as mesmas sejam (re) testadas, (re) verificadas.

Face ao exposto, é compreensivo que a ciência, para legitimar-se como ciência, siga um caminho matematicamente unificador para suas ideias. Thomas Kuhn (2013) em sua *Síntese de A Estrutura das Revoluções Científicas* aponta que a ciência não nasce em um passe de mágica, dada como um processo pronto, acabado e infalível, mas que segue passos para solidificar-se enquanto teoria para que possa ser plicada na vida.

Seu ensaio é topicalizado por capítulos em referência a essas fases. Iniciando na fase pré-paradigmática de onde a então ciência se representará como o próprio nome sugere, em uma fase que antecede o paradigma (uma fase pré). Kuhn (2013, p. 121) diz que “[...] o período pré paradigmático, em particular, é regularmente marcado por debates frequentes [...]” isto porque esta fase assemelha-se a um embrião de ciência, a um momento em que o método está em fase de formação, podendo estar à mercê da então falseabilidade, que seria hoje inadmissível para a ciência clássica na visão de Popper (2007).

O momento seguinte, chamado de fase do paradigma é quando este método, no ensaio exemplificado por disciplina, adquire um modelo que lhe sirva de exemplo. Segundo Kuhn (2013, p. 119) este é o instante que se descarta a possibilidade de falseabilidade na ciência e diz que “[...] os paradigmas podem ser anteriores, mais coerentes e mais completos que qualquer conjunto de regras para a pesquisa que deles possa ser claramente abstraído.” Em outras palavras, é nesta fase que o paradigma tradicional se materializa e passa a ser utilizado como uma espécie de bússola para nortear os saberes já científicos.

Seria possível aplicar este método à Filosofia? Entendemos que a Filosofia contribuiu significativamente na construção dos métodos científicos ao postular a pergunta, a indagação, a arte de questionar como fundamento em busca do saber. Desta forma, compreendemos ser possível aliar ciência e Filosofia, sem que esta, entretanto, se renda ao engessamento positivista. Aplicando este método à Filosofia enquanto ciência, seremos capazes de refazer os passos pelas quais ela causa no homem, em remoto tempo histórico, o fascínio pelo descobrir-se, pelo questionar-se. Vejamos, por exemplo, quando a consciência racional tomou as rédeas da consciência mítica na Grécia Antiga iniciando assim, através da *Philo Sofia*, a grande aventura do pensamento que desbravaria novas ciências, novos saberes.

Este saber mítico, puramente alegórico, que passa a ser suplantado pelo conhecimento racional é o que podemos aproximar do empírico e do científico que aqui expusemos para exemplificar o nascimento de uma ciência. Evidentemente, recuperando a argumentação dada, este não é um processo instantâneo; a passagem que se deu na Grécia Antiga, por exemplo, ocorreu em um longo período de tempo e, durante muito desse tempo, os filósofos da Antiguidade comungaram desse saber mítico para alicerçar o conhecimento racional que hoje dispomos didaticamente.

Até bem pouco tempo, a história das ciências era concebida como uma disciplina encarregada de reproduzir a lenta progressão da racionalidade científica. Enquanto tal era a história dos vencedores, na medida em que se limitava a relatar as peripécias que os cientistas tiveram que atravessar a fim de chegar à verdade atualmente conquistada (JAPIASSU, 2001, p. 21).

Contudo, este resgate em tons de reconhecimento livresco e/ou científico, oferece ao indivíduo solidez para engrenar os saberes através da ciência. Longe desse conhecimento histórico, poderíamos concebê-la tal qual o coelho que Gaarder (1995) anuncia sair da cartola, e isso agravaria o didático método proposto por Kuhn (2013), o que distanciaria a Filosofia aplicada de uma ciência presa aos moldes de uma “camisa de força”.

CONCLUSÃO

O mundo moderno e também emergente encontra-se em fase de constantes mudanças e propõe ao homem deste tempo a resolução de problemas cada vez mais complexos. Nesse ínterim, a revolução científica moderna têm buscado elucidar o processo de constituição de ciência na modernidade em face de um conhecimento que não pode mais ser universalizado, pois a história das

ciências termina por se regionalizar ante às necessidades de uma determinada comunidade. Até porque, cada vez que o conhecimento avança, temos constatado que pseudo verdades idolatradas no passado, têm caído por terra.

Nesse sentido, a ideia de uma pedagogia voltada ao progresso do saber, para a atitude reflexiva, filia-se às bases oferecidas pela Filosofia enquanto ciência para uma performance libertadora das mentes dos indivíduos/pessoas que constituem os espaços sociais. Considerando ainda a ênfase dada ao estudo das relações sociais a partir dos anos 30, nosso olhar volta-se para as diversas modalidades de saberes que a constituem, tendo, no norte desse olhar, a possibilidade de conceber a Filosofia em um caráter dialógico com as diferentes áreas do conhecimento que se imbricam cartesianamente nas dimensões da ciência tradicional.

Pleiteamos com este trabalho que, a Filosofia enquanto ciência social e da educação, estabeleça sua função motriz, que é a de promover que o ser humano recupere as capacidades de questionar, refletir e observar o mundo em que está inserido, em meandros progressistas e sócio relacionais, acreditando que através desse caminho, este indivíduo possa se reconhecer de maneira verdadeira e plena.

Do exposto, encerramos este colóquio, com a narrativa de Sofia:

Tudo que existia tinha que ter tido um começo.

— Droga! Ela abriu os dois envelopes novamente.

Quem é você? De onde vem o mundo? Que perguntas mais espinhosas! E quem enviara aquelas cartas? Isso era quase tão misterioso quanto elas próprias. Quem teria arrancado Sofia do seu cotidiano e a teria posto diante dos grandes enigmas do universo? (GAARDER, 1995, p.20).

Que possamos arrancar nossos educandos de seu cotidiano, que tenhamos a capacidade de os fazer despertar diante dos grandes enigmas do universo e fazer da escola um espaço realmente de VIDA.

REFERÊNCIAS

BERNAL, J. D. **Ciência na história**. Volume VI. Lisboa: Livros horizonte, 1969.

COTRIM, G. **Fundamentos de Filosofia**. 1 ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber às práticas educativas**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

DELORS, Jacques (Org.). **Educação: Um Tesouro a Descobrir.** Relatório para da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo, Cortez Editora, 2001.

GAARDER. J. **O mundo de Sofia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JAPIASSU. H. **A revolução científica moderna.** São Paulo: Editora Letras e Letras, 2001.

KUHN. T. **A estrutura das revoluções científicas.** 12 ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Debates)

POPPER. K. **A lógica da pesquisa científica.** São Paulo: Cultrix, 2007.

SEVERINO. A. J. Do ensino da filosofia: estratégias interdisciplinares. **Educação em revista.** Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/view/1539>. Acesso em: 13 nov.2016.